

A Diplomacia Lusitana

RUBEM BRAGA

Procura-se caracterizar como gafe diplomática o comunicado em que os chefes de missões africanas em nosso país confessaram estar preocupados com as atitudes do governo do Brasil em relação ao colonialismo português na África. Com uma certa afetação de desdém e uma delicada demonstração de susceptibilidade, as fontes do Itamarati criticam **extra-oficialmente** aquêles comunicado como uma «intervenção em nossos negócios internos, que não podemos permitir».

É pena que tanta susceptibilidade só se revele no trato com representantes de países subdesenvolvidos, há poucos anos libertados do domínio colonial.

Não vamos discutir aqui assuntos de técnica diplomática. Vamos dar de barato que os diplomatas africanos não tenham agido rigorosamente dentro do melhor figurino. O que importa no caso é que eles reagiram a uma provocação deliberada, ostensiva, como foi o anúncio da visita de uma força-tarefa da Marinha Brasileira à capital de Angola. Ninguém precisaria ser profeta nem técnico em relações internacionais para prever — como previmos aqui — que essa barretada à administração colonial portuguesa despertaria um sentimento de desgosto em todo o Continente negro. Perguntamos aqui, ao aparecer o comunicado oficial da Marinha: «Para que insultar tôdas as jovens nações africanas com essa passeata naval dispensável e de mau-gosto? Onde, por quem, como, a trôco de que foi combinada essa bobagem diplomática tão criminosa, e combinada tão em segredo que o próprio comandante-chefe da Esquadra ignorava e desmentia há uma semana?»

É claro que nossa pergunta não teve resposta. Os autores da iniciativa devem estar felizes, pois muito antes de zarparem os navios ela já alcança os objetivos almejados, toldando nossas relações com os países independentes da África. A provocação já deu resultado, mesmo antes de embarcarem nossos jovens aspirantes navais, cuja viagem de instrução é utilizada para essa lamentável e humilhante jogada de política salazarista.

Em minhas viagens como jornalista e em minha pequena experiência diplomática, tive ocasião de admirar o tino e a habilidade dos diplomatas portugueses. São realmente admiráveis o sangue frio, a paciência e o realismo com que eles enfrentam as situações mais desconfortáveis, sempre ágeis no aproveitar qualquer ocasião para defender os interesses do governo de Lisboa, mesmo quando eles próprios (o que acontece não muito raramente entre os mais jovens da carreira) prefeririam que fôsem diferentes as bases da política interna e externa de Portugal. Ao defender as teses e as posições mais ingratas, eles não raro obtêm pequenas vitórias ou amenizam derrotas, sempre submetidos a uma estrita disciplina de sua chancelaria.

A visita do Grupo-Tarefa da Marinha do Brasil a Angola é uma vitória esplêndida dessa fria malícia da chancelaria lusitana. Vamos fazer o papel de bobos, despertando a antipatia de numerosas jovens nações para prestigiar um sistema de colonialismo obsoleto e cruel.

12.1.67